



9º Congresso de Pós-Graduação

WALTER BENJAMIN E O FIM DA EXPERIENCIA NA EDUCAÇÃO

Autor(es)

EDNEY SILVA PAIVA

Orientador(es)

PROF^a. DR^a. LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

Presente artigo analisa o fim da experiência e da arte narrativa do homem moderno. Para Walter Benjamin, a sociedade moderna perdeu a característica inerente à sua natureza humana: a capacidade de narrar. Diante disso, veremos que a partir do conceito de experiência, em Benjamin, teremos, algumas, noções para compreendermos o significado tecnicista e utilitarista que a educação tomou nos dias hodiernos.

2. Objetivos

Analisar e Refletir como os conceitos de experiência, vivência, narração e história em Walter Benjamin podem ajudar a pensar a educação, a formação do homem contemporâneo e a compreender as suas duras críticas à teoria de aprendizagem de sua época: o declínio dos modos tradicionais de experiência, narração e a excessiva instrumentalização da educação.

3. Desenvolvimento

O artigo será de cunho bibliográfico, tomam-se como textos fundamentais de análise: Experiência e Pobreza, o Narrador e as Teses sobre o conceito de história. Esses textos de Walter Benjamin delinearão a pesquisa por refletirem acerca do fim experiência que caracteriza o homem moderno. Um homem sem passado, sem memória e sem história. O que fazer com esta perda?

4. Resultado e Discussão

A transformação do conceito de educação em nossa sociedade contemporânea, pode ser refletida e compreendida a partir do conceito de experiência (Erfahrung), central na filosofia de Walter Benjamin. Vários são os textos que tratam do assunto, a começar por um texto de sua juventude intitulado “Experiência” (1913), “Experiência e Pobreza” (1931), “O narrador” (1936) e as “Teses sobre o conceito de história” (1940). No entanto, somente a partir dos textos nos anos 30, Benjamin reflete sobre o enfraquecimento da Erfahrung, no mundo capitalista moderno.

Nesse enfraquecimento da Erfahrung, o homem moderno valorizou o romance e a informação jornalística em detrimento da narração tradicional, da formação passada pelas gerações, pelos sábios mais velhos, que por si só é provocativa e exige a interpretação de quem a ler ou a ouve. Com isso, trocou-se o saber contido na experiência do passado, a narração; pela praticidade e utilidade do presente, a informação imediata, desprovida de contexto e sentido. Nesta substituição está subentendido o caráter pragmático da sociedade moderna, o que não for experimentado e utilizado precisa ser descartado (DA SILVA 2010,p.83)

Essa impossibilidade de narrar e de ter experiência do cotidiano, não foi exclusiva dos soldados que voltavam emudecidos dos

campos de batalha da primeira guerra mundial (BENJAMIN, 1996, p.114-115), mas é a imagem do indivíduo das metrópoles. Esta pobreza de experiência está presente também em nosso cotidiano escolar, ou seja, poderíamos indagar: Quantos professores e alunos deixam a escola após um extenuado dia de trabalho e voltam para suas casas emudecidos sem ter o que contar? O que nós professores temos a contar após um dia de trabalho nas escolas das grandes cidades? Por que não transmitimos em palavras os “horrores” da violência escolar que vivenciamos entre os muros da escola, sejam elas da periferia ou do centro das grandes e médias cidades? Por que não sabemos narrar o horror e desrespeito com o educador? Não se narra a falta de seriedade com saber, o compromisso com a formação? Ainda há algum compromisso?

O advento e a rapidez da informação de massa, não negligenciou esse fato, mas o naturalizou e banalizou os aspectos aberrantes de nossa sociedade, como a violência escolar, a falta de formação nas escolas. Talvez, sejam alguns, de tantos outros motivos, que Benjamin sugeria, hoje, para o mutismo do professores e alunos que regressam de nossas escolas: A informação jornalística e a experiência do choque que impossibilitam a transmissão de uma palavra narrada, portanto, o fim da experiência no ambiente escolar. E torna a escola, a sala de aula, um espaço que não há trocas, mas um lócus endurecido pela insensibilidade do professor e do aluno, pelo cinismo que ambos tendem suportar no cotidiano escolar.

A “memória traumática”, segundo Gagnebin, (2009, p.51) está relacionada à própria vida nas grandes metrópoles pelo ritmo ditado pela economia capitalista industrializada. “A imagem utilizada por Benjamin para caracterizar a experiência do choque é a do indivíduo no meio da multidão nas grandes cidades” (DA SILVA, 2010, p.86), que parece esvaziado, sem vida, sem força e sem sentido.

O pensamento de Walter Benjamin lança desafios para o campo educacional. “Em um mundo inflacionado de informações que não nos formam”. Vale lembrar que para Benjamin, informação, não é sinônimo de formação, o conhecimento está vinculado à técnica e a tecnologia universal, objetiva e impessoal. Estando exterior ao homem, o conhecimento é alcançado, mas também não é compreendido, constituído em sua pessoalidade. Neste sentido, adverte Falabelo (2008), a relação entre ‘conhecimento’ e ‘vida’, afetou substancialmente o significado do conceito de educação, sendo reduzido a um pragmatismo utilitário para preparar os indivíduos para o mercado de trabalho.

Para essa educação utilitária, a qual decreta o fim da experiência reflexiva, cabe-nos recorrer às provocações de Divino José (2010, p. 89), que nos convidam a vermos criticamente de que forma as nossas práticas pedagógicas se transformaram em lugar de saberes pretensamente científicos. Buscamos com essa aplicação eliminarmos as incertezas, que são inerentes à prática educativa.

Se a técnica do mundo moderno decretou o fim da experiência, a pretensa eficiência e domínio de técnicas de ensino das práticas pedagógicas para uma educação utilitarista, não foram diferentes para decretar o fim da experiência na educação. Os impactos gerados com o fim da experiência na educação parecem ser umas das preocupações centrais de Benjamin a “redução do conhecimento a uma estrita dimensão pragmática utilitária, advinda do desaparecimento da narrativa como uma unicidade que incorporava os atos da vida e os atos de conhecimento dessa vida” (FALABELO, 2008 p.67).

Benjamin possui vários ensaios sobre a criança, o brinquedo, jogos e a educação, num deles, Rua de Mão Única. No fragmento, intitulado, “Canteiro de obras”, encontramos uma dura crítica ao pedantismo dos pedagogos pós-iluministas em suas elucubrações sobre a construção de brinquedos e material educativo para as crianças. O autor se refere à concretude do olhar infantil e faz uma sutil crítica a essa pretensa fundamentação científica das práticas pedagógicas, no caso, a psicologia (1995, p.18).

Não podemos esquecer que o trabalho com a memória em Walter Benjamin, além de representar um compromisso ético e político, deixa um legado para educação ao defender a perspectiva da abertura da história, lança duras críticas à teoria de aprendizagem de sua época: crítica o declínio dos modos tradicionais de experiência, narração; e crítica à excessiva instrumentalização da educação; e por fim, crítica à pretensa neutralidade científica do processo de interpretação e transmissão do conhecimento. Na tese VII sobre o conceito de história, Benjamin observa que o processo de transmissão dos “monumentos da cultura”. Aceitá-los sem refletir o horror da “corvéia anônima”, na sua execução, é aceitar e transmitir a história do vencedor, a barbárie. Para Benjamin, nunca houve na história um monumento cultural que não fosse o monumento da barbárie. Segundo Marta D’Angelo (2006), a Tese VII, envolve a escola, enquanto instituição legitimadora e geradora dos monumentos da cultura, de que forma a escola trabalha essa questão? Há uma preocupação com isso mesmo? Quais saberes a escola pretende valorizar? Que formação ela pretende constituir? Que escola poderia ser pensada a partir da perspectiva de Benjamin.

Há uma espécie de disposição de “salvar” os pequenos aspectos, muitas vezes, negligenciados pelos sistemas de ensino da educação oficial, e a partir destes “cacos”, “restos”, “fragmentos” compor um novo modelo de conhecimento a ser apreendidos pelas atuais e futuras gerações, possa ser, quem sabe, a maior contribuição de Walter Benjamin para a educação – escova a história a “contrapelo” (Tese VII).

5. Considerações Finais

E por todo esse quadro acima que consideramos a pesquisa relevante, não só para o aprofundamento das idéias, mas por mostrar que a teórica crítica se torna cada vez mais viva e importante para ser pensada e refletida, não só na filosofia, mas na educação. Sua atualidade se torna uma questão de primeira ordem em tempos de pobreza e miserabilidade do pensamento e da formação.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Obras Escolhidas. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. O narrador: observações sobre a obra de Nikolau Lekow. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Obras Escolhidas. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Rua de Mão Única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. In: Obras escolhidas. Vol. II - Rua de mão única. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- _____. Teses sobre o conceito de história. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Obras Escolhidas. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- D'ANGELO, Martha. Arte, política e educação em Walter Benjamin. São Paulo. Loyola. 2006.
- DA SILVA, Divino José. Dos limites da experiência em educação e narrativa poética. In: BRITO, Maria dos Remédios; ABREU, Waldir Ferreira e OLIVEIRA, Bezerra Damião. (Orgs). Educação em tempos precários: a formação entre o humano e o inumano. Belém: EDUFPA, 2010.
- FALABELO, Raimundo Nonato de Oliveira. Narrativa, experiência, sabedoria e educação. In. BRITO, Maria dos Remédios; GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia e OLIVEIRA, Bezerra Damião. (Orgs). Filosofia, formação e educação: apontamentos e perspectivas. Belém: EDUFPA, 2008.
- GAGNEBIN, Jean Marie. Lembrar escreve esquecer. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.